

# Apresentação

A *Revista Gragoatá*, em seu vigésimo quarto exemplar, focaliza, comparativamente, ou mesmo em separado, os paradigmas culturais que nosso momento histórico permite visualizar como os mais importantes na construção das identidades matizadas que as literaturas e artes do continente africano e brasileiro apresentam, no cenário da globalização. Os elos entre os dois mundos são muito evidentes, ou assim se pensa, quase como um lugar-comum. Serão mesmo transparentes os nossos parentes e o que também nos separa? Conhecem, os brasileiros e os outros, o que se denomina hoje “Brasil”? É auto-evidente esta significação? E a África, ao ser relacionada ao Brasil, é sempre a de “expressão portuguesa”? Haveria possibilidade de nos “encontrarmos” inscritos na África de “expressão inglesa”, “francesa” etc, na história comum da exclusão? Estas e outras questões se tornaram candentes, em alguns dos textos que nos foram enviados.

Brasil e África são dois cantões do planeta que se tangenciaram pela ocidentalização promovida no Renascimento e motivada pelo expansionismo europeu do século XV. Suas inter-relações e, principalmente, as contradições políticas e os enigmas do continente africano e da vida brasileira têm sido objeto de análise, desde os anos de 1990, no século XX, com a projeção dos estudos culturais e a re-leitura dos cânones de nações concebidas, pela classificação econômica dominante, como emergentes. Em que pese o significado desse adjetivo, as nações ditas em emergência (no duplo sentido de que emergem e de que estão em estado de emergência) sempre surpreendem pelas complexas redes culturais – de origem popular ou culta – surgidas tanto no Brasil, quanto na África e que nada ficam a dever, em importância para o pensar, se relacionadas às matrizes de outras paisagens.

Da África se moveu, para o então chamado Novo Mundo, um conjunto de habitantes de localidades que hoje compõem inúmeros países: Costa do Marfim, Congo, Angola, Moçambique e outros, para, em nossas terras, conhecerem a dor do exílio, o conseqüente desterro e a marca da desagregação provocada pela prática escravagista. Ainda assim, os representantes de um povo removido, à revelia e em circunstância adversa, para outros rincões, produziram subsídios que, surgidos do entrecchoque de tradições, foram capazes de ultrapassar séculos e a própria condição subalterna, para constituir elementos magníficos de

nossa música, dança, culinária e, até, de manifestações religiosas aclimatadas no Brasil.

A discussão dos elos e dissensos, as descobertas em comum dessas duas culturas, literaturas e artes, além da dívida brasileira para com a contribuição dos africanos que para cá vieram na condição desumana de escravos fazem parte das intenções que nortearam os objetivos das coordenadoras desse número ao pensar em seu título – “*Brasil e África: trajetórias, rosto e destino*” – e em sua ementa. Esta consiste na discussão da literatura, política e ideologia no cenário do neoliberalismo e no enfoque das articulações entre essas nações e suas narrativas, na estrutura pós-colonial contemporânea do Brasil e da África. Pensou-se também em focalizar o Brasil e a África, enquanto autônomos, em suas diferentes literaturas e formas de expressão e de linguagens produtoras de paradoxos, identidades, dilemas e problemas. Interessava à nossa ementa, também, a articulação da África e do Brasil consigo mesmos, e entre si, ou com outros países, de outros universos culturais na cena do mundo pós-colonial que, necessariamente, envolve a Europa e outras expressões lingüísticas. O discurso e a construção da subjetividade e das formas estéticas foi mais um aspecto incluído no temário que sugerimos ao leitor, bem como a comparação de suas literaturas com as demais artes. Outra opção que se observa na ementa oferecida é a da discussão de perspectivas da crítica e da teoria, no Brasil e na África, seja no estudo da própria literatura e das demais artes, seja no exame específico de textos voltados à produção do conhecimento. No campo da lingüística e do estudo de línguas, acentuou-se a preocupação com o tratamento das línguas em contato e da política lingüística. Finalmente, a ementa também deu abertura para uma reflexão histórica, antropológica e filosófica da cultura brasileira e africana contemporâneas, no exame das relações entre estas, sua literatura, suas crises e utopias, em sua singularidade, ou em conjunto.

Se o estudo da questão brasileira, na *Gragoatá 24*, parece não demandar explicação, pois se faria evidente (evidência da qual sempre se deve, em bom termo, duvidar), a presença de sua articulação com a África e desta com a América como um todo e, também, com a Europa, como ocorre em mais de um artigo publicado neste número, revela uma forma de contraposição de olhares através da qual se busca retomar a teia de silêncios e apagamentos tramada pelo olhar branco-ocidental, hegemônico na cultura colonizadora letrada, apesar da heterogeneidade de nossa formação. Um tal olhar já se antecipava na epopéia camoniana, quando os navegantes portugueses, ao se depararem com o outro, o desconhecido, perguntavam a si mesmos: “Que gente será esta? (em si diziam) / Que costumes, que Lei, que Rei teriam?” (I, 45).

Se a legenda da diferença faz parte do paradigma formador de nosso encontro cultural, o leitor poderá agora conferir a natureza desse painel, no vasto exame dos elementos que deram sustentação ao processo colonial e à sua reversão, seja do âmbito lingüístico, do político-cultural, seja no da literatura. Um painel foi tecido a várias mãos, pelo texto de nossos convidados e dos que se interessaram pelo tema, e nos enviaram sua valiosa contribuição. Neste, o espaço da reflexão crítica se espraiou por questões como o trauma, a violência, o preconceito racial e os intertextos de variada extração e efeito, para que pudéssemos levar a cabo, nesta edição, compreender e pensar “*Brasil e África: trajetórias, rosto e destino*”.

É com imenso prazer que passamos ao leitor os textos que resultam do percurso trilhado pelos intelectuais que se uniram a nós na busca de elaborar mais um número da Revista *Gragoatá*, periódico que se tem caracterizado como uma das formas mais atuantes da contribuição, ao público em geral, da Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense.

O texto de abertura, de Silviano Santiago, intitula-se “O começo do fim”. Importante pensador da cultura brasileira, seu autor busca apresentar nova e suplementar interpretação para um conceito-chave do movimento Modernista – o de antropofagia, na versão de Oswald de Andrade. Considerando relevante para o tema deste número refletir sobre um conceito que, durante oito décadas foi responsável por importante bibliografia em que se salientaram aspectos beligerantes de culturas colonizadas em relação aos colonizadores, Santiago pondera, ainda, que essa interpretação, apesar de pertinente do ponto de vista social e político, negligencia qualidades básicas do trabalho de arte escrito nas margens da cultura Ocidental, em particular aquelas que deveriam despertar no leitor a premência de um pensamento utópico, em que a paz, a esperança e a alegria se tornariam os valores.

O artigo de Benjamin Abdala Júnior, “Notas históricas: solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa”, discute as redes comunitárias que tais literaturas tecem, pelo que nelas se revela uma tendência à supranacionalidade. Esta, para o crítico, se faz tão importante quanto o resgate, nas produções artístico-verbais, das especificidades nacionais que nelas se resgatam. O texto reforça o fato de que há uma forte relação entre o processo literário africano e o brasileiro. Isso se justifica, segundo o autor, por que, desde o século XIX, se estabeleceram redes de identificações entre o nosso país e os africanos de colonização portuguesa. Tais identificações vão do âmbito político (cf. o caso angolano, no século XIX) até a busca de outras formas de modelização literária, ressaltando-se, dentre elas, as interlocuções com o modernismo brasileiro, com o

romance nordestino de 1930 e com o projeto estético-ideológico de Guimarães Rosa.

O texto “Duas viagens, um destino, Moçambique”, de Regina Zilberman, procura analisar as visões divergentes que europeus e africanos têm sobre a expansão do mar português, para o que retoma *O naufrágio do Sepúlveda*, de Jerônimo Corte Real (1594) e *O outro pé da sereia*, de Mia Couto (2006). O artigo demonstra a existência de dois distintos modos de recuperação da história marítima portuguesa, nas malhas da ficção literária. De um lado, a visão europeia do século XVI sobre os “cafres, que roubar tem só por ofício” e sobre os heróis – mesmo que fracassados – que “se vão da morte libertando”, como proclama Camões. De outra parte, a autora analisa a leitura, a contrapelo, do moçambicano Mia Couto para quem fica clara a “estratégia dos portugueses para enfraquecer o reino” do Monomotapa. Resgata-se, assim, o avesso de uma história que só muito recentemente começa a ser contada pelo olhar dos, até 1975, vencidos. Um artigo que serve de excelente ponte para o encontro de África e Brasil.

No texto “Uma língua de viagens, transgressões e rumores”, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco faz uma espécie de balanço sobre a questão do uso da língua portuguesa nos países africanos colonizados por Portugal, mostrando as diferentes faces que a língua transplantada pelo colonizador adquiriu nos diversos países que hoje têm o português como sua língua oficial. Percorre, ainda, o caminho que vai da imposição ao uso consentido e, em certa medida, revolucionário do português que acaba por se fazer, ele mesmo, um instrumento voltado contra o processo de colonização, no momento em que subleva o tecido lingüístico. Para comprovar esse uso “clandestino” da língua, repetindo José Craveirinha, a ensaísta busca exemplificar seu ponto de vista com vozes literárias africanas. Estas, ao inverterem os paradigmas colonialistas, enriquecem a língua do colonizador, por atravessá-la com outros saberes e sabores, alargando, com isso, o sentido das viagens que tal língua ainda será capaz de fazer.

Em “Da colonização lingüística portuguesa à economia neoliberal: nações plurilíngües”, Bethania Mariani reflete sobre a atualidade lingüística do Brasil e de Moçambique, tomando, como ponto de partida do artigo, o fato de que tanto na África quanto em nosso país, houve uma tentativa de apagamento da memória dos sujeitos locais, no processo de colonização portuguesa. Discute, a seguir, partindo da memória histórica constitutiva das duas formações sociais, de um lado, a legislação referente à política de línguas e de outro, as relações, nem sempre muito visíveis, entre as línguas e a política econômica. Assim, analisa a legislação portuguesa referente ao uso do português nas colônias e, em seguida, tendo em vista a descolonização política

e lingüística, enfatiza as relações entre lingüística e economia, problematizando o valor econômico das línguas.

O artigo “Outros poderes, outros conhecimentos – Ana Paula Tavares responde a Luís de Camões”, de Margarida Calafate Ribeiro, discute o enfrentamento do poder e de suas relações existentes nos textos de Paula Tavares, demonstrando que tal enfrentamento tem como alvo não apenas o sistema colonial em si, mas a língua que o sustenta e mesmo o neocolonialismo que subsiste em tais relações, na Angola independente. O artigo demonstra a subversão do discurso poético de Paula Tavares, que se quer, ao mesmo tempo, um “pronunciamento” feminino e epistemológico. Por tal “pronunciamento” a poeta põe em xeque não apenas os conhecimentos impostos pelo colonizador, mas a própria tradição local, que também busca perpetuar o patriarcado e a sua violência contra a diferença sexual e sua lógica opositiva. O texto afirma, em todos os sentidos, a possibilidade teórica de se valorizarem outros conhecimentos e outros poderes, sempre deixados à margem pela colonialidade hegemônica.

Em “Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes”, Márcio Seligmann-Silva propõe uma reflexão sobre o gesto testemunhal de sujeitos que sobreviveram a situações radicais de violência e/ou catástrofes e para os quais a narração do trauma se faz gesto de sobrevivência e mesmo de renascimento. Para comprovar sua hipótese, o autor levanta uma série de aporias que marcam o testemunho, tentando comprovar que ele “só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade”. Traz à cena do artigo, ainda, a questão da política da memória e sua importância para o gesto de narrar o trauma. Por fim, analisa obras pontuais que resgatam, respectivamente, o genocídio dos armênios (1915-16); o dos tutsis, em Ruanda (1994), chegando ao Brasil e, em especial à música popular brasileira que, de distintas e/ou camufladas formas, resgata o trauma causado pela violência da ditadura civil-militar.

Em “Corpos grafemáticos: o silêncio do subalterno e a história literária”, Roberto Vecchi, partindo de uma série de reflexões sobre a força do poder na representação literária, discute a impossibilidade de fala do subalterno, ou o seu silenciamento, na série histórica da literatura brasileira. Depois de reforçar seu quadro teórico, convocando Spivak, Gramsci, Said e outros, o autor analisa duas obras pontuais dessa mesma literatura brasileira – *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *A menina morta*, de Cornélio Pena. Em tais criações, para ele, se projeta uma espécie de contra-história problematizadora dos vazios e silenciamentos da história oficial brasileira e dos lugares de força por ela criados. O texto discute, portanto, a problemática dos subalternos que, apesar de se localizarem na margem da história, acabam por ganhar voz e um “corpo grafemático”, nas malhas da ficção.

Em “Narrativas, rostos e manifestações do pós-colonialismo moçambicano nos romances de João Paulo Borges Coelho”, Sheila Kahn começa por apresentar a questão do pós-colonialismo em Moçambique. A seguir, recupera a postura adotada por João Paulo Borges Coelho, em relação ao que se passa na nação recém-independente, postura esta que ele evidencia não apenas em sua obra romanesca, mas também em entrevista concedida à ensaísta e por ela em parte transcrita no artigo. Por fim, propõe a leitura de três romances do autor – *Visitas do Dr. Valdez*; *Crônica da Rua 513.2* e *Campo de trânsito* –, demonstrando como Borges Coelho dá voz aos “calados”, pelo que tenta resgatar a história igualmente barrada dos que, em silêncio, viveram as transições por que passou o país em construção.

No texto “O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa” de Charlotte Galves, a autora, seguindo caminho proposto pela pesquisadora Margarida Petter, centraliza a discussão nas variedades angolanas e moçambicanas do português, por entender que elas abrem caminho para a reflexão de como e porquê as línguas africanas interferiram no português do Brasil. O artigo se divide em duas grandes seções, começando por promover a releitura do debate da questão por ela proposta, para o que resgata a série histórica desse mesmo debate. Na segunda seção, discute os efeitos do contato entre as línguas africanas e o português, comparando, a seguir, as vertentes africanas e brasileiras da língua e levantando as evidências que comprovam a consistência de sua hipótese.

O artigo “Agruras da ficção contemporânea”, de Sílvia Regina Pinto, focaliza a literatura produzida no Brasil em sua interface com o mundo de hoje, marcado por uma transformação radical em que afloram crises talvez sem precedentes, revelando que ela demonstra e questiona a mudança profunda que vem ocorrendo em todas as áreas de atividade, em especial a cultura, a estética, os valores éticos, as noções de tempo e espaço e as fronteiras entre o público e o privado. O ensaio procura mostrar como a ficção contemporânea vem tematizando e discutindo sua própria estranheza, tentando uma articulação entre linguagem e realidade, no esforço incansável para um confronto do eu com o outro que, muitas vezes, é ele mesmo, e deixando claro que a ficção se torna necessária até para que o real exista. Equipado de instrumental teórico que lhe permite ampla reflexão, este ensaio oferece uma possibilidade fundamental de pensar o Brasil de hoje em sua literatura e através dela.

Em “Narrar é resistir?” Denise Brasil Alvarenga Aguiar também focaliza a ficção contemporânea, em especial o cotejo entre *O quieto animal da esquina*, de João Gilberto Noll, e *A vida e a época de Michael K.*, de J. M. Coetzee. Seu objetivo é compreender as transformações da literatura no contexto das alterações

sociais e culturais que marcam os tempos da chamada pós-modernidade. Identificando importante vertente literária de tematização do sufocamento da subjetividade no cenário hostil da exclusão social, a autora compara a rarefação da subjetividade nos personagens de Noll e a transformação do rarefeito em uma passagem para uma outra forma de alteridade, no magnífico personagem de Coetzee, Michael K., que também poderia ser aproximado de Fabiano (o protagonista de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos) e de Macabéa (a protagonista de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector), na cena da carência que, surpreendentemente, faz com que o Michael K transcenda o nada a que a sociedade o havia destinado, desencadeando, com força crítica, o exame, pelo leitor, desse terrível impedimento.

Com *Os velhos 'marionetes': Quincas Berro D'Água, versões e construção de identidade*", Lucia Bettencourt descortina uma perspectiva original para focalizar um autor que já recebeu muitas e variadas exegeses e que faz parte de nosso patrimônio não só literário, mas também antropológico: Jorge Amado. Focalizando os personagens do autor a partir de suas ligações com a dramaturgia popular e a tradição européia da *comedia dell'arte*, revela como sua ficção se mescla à arte popular regional, de forte influência africana. Com isso, abre um diálogo entre o ato narrativo e seu aspecto dramático, subvertendo a concepção usual do protagonista Quincas, que adquire, assim, uma outra forma de expressividade, através da manifestação popular.

O texto "Quando o preconceito se faz silêncio: relações sociais na literatura brasileira", de Regina Dalcastagnè, destaca, de uma profunda e extensa pesquisa que a autora vem realizando sob a chancela do CNPq, as personagens negras, francamente minoritárias na ficção brasileira contemporânea. O artigo analisa algumas exceções a esta regra, identificando diferentes modos de representação literária das relações raciais em uma sociedade marcada (embora pareça estar convencida do contrário) pela discriminação. Com acurada atenção ao detalhe, mas sem perder o alcance do geral, o texto de Dalcastagnè ultrapassa, e muito, o que se produziu entre nós sobre o assunto, até o momento. O exame dessas personagens negras talvez ajude os leitores (na maioria brancos) a entender melhor o que é ser negro no Brasil - e o que significa ser branco em uma sociedade racista.

Com "Uma conversa entre macacos: percalços do diálogo africano com o outro", Lucia Helena focaliza uma delicada e complexa rede textual, formada pelo diálogo sutil implantado por J. M. Coetzee entre seus dois romances *A vida dos animais* e *Elizabeth Costello* e o conto de Kafka, "Um relatório para uma academia". Ao manter enlaçadas, com pistas que oscilam na fronteira entre o falso e o verdadeiro, as marcas da autoria, da autobiografia e da ficção, do ensaio e da vida, o intertexto realizado por Coetzee revela-se uma irônica e produtiva forma

de buscar compreender, discutir e criticar as transformações da subjetividade na sociedade contemporânea, em um mundo globalizado. Em diálogo com a violência do mundo, a literatura de Coetzee também homenageia a de Kafka, outro invulgar pensador do desastre.

Fecha o volume a transcrição de uma entrevista inédita, feita por Maurício de Bragança, em 2005, com o escritor angolano José Eduardo Agualusa, intitulada “O peixe e o macaco: emblemas do subdesenvolvimento numa entrevista com José Eduardo Agualusa sobre Brasil e Angola”. Nesta entrevista, seu autor, na introdução que faz, estabelece os pontos em comum nos processos da formação histórica do Brasil e de Angola, tomando como fato a colonização portuguesa e situando o contexto temporal de sua entrevista e o local – Vila do João, no Rio de Janeiro – em que faz um vídeodocumentário sobre os angolanos residentes no Brasil. A entrevista do escritor Agualusa fará parte do referido vídeo, em fase de montagem final.

*Laura Padilha e  
Lucia Helena*